

Henrique Folster

CONSTRUINDO SONHOS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

VÃO
ESTUDAR

 EDITORA
RIDEEL
Quem tem Rideel tem mais.

Sobre o autor

Henrique Folster é professor de matemática, palestrante e um dos educadores mais influentes do Brasil nas redes sociais – uma trajetória que prova que a Educação é, de fato, o caminho mais seguro para transformar vidas. Natural de Santa Catarina, construiu sua história acreditando profundamente que estudar não é apenas um privilégio, mas um direito e uma oportunidade de transformação pessoal e coletiva.

Antes de se tornar referência nacional em educação, vendia amendoim nos estádios de futebol de Florianópolis entre os 10 e os 15 anos de idade, uma realidade que poderia ter definido seu futuro, mas que, em vez disso, plantou uma semente de determinação. Foi ainda muito jovem que compreendeu uma verdade simples, mas revolucionária: estudar poderia levá-lo mais longe do que qualquer outro caminho. Essa compreensão, nascida da necessidade e alimentada pela esperança, tornou-se o combustível de sua jornada.

É formado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde recebeu mérito estudantil por obter o melhor índice de aproveitamento do curso, uma conquista que reflete não apenas inteligência, mas dedicação inabalável. Também é pós-graduado em Neuroeducação e Gestão Escolar, demonstrando que sua busca por conhecimento nunca cessou, que ele continua aprendendo para melhor ensinar.

Como professor, foi eleito por votação popular duas vezes o melhor professor de Florianópolis, nos anos de 2023 e 2024 – um reconhecimento que transcende prêmios e números, refletindo o impacto profundo e real em vidas de estudantes. Sua forma criativa de ensinar, sua maneira genuína e autêntica de se comunicar com os jovens e sua busca constante por aulas diferentes e significativas fizeram seu trabalho ultrapassar os muros da escola e alcançar milhões de pessoas que buscam inspiração, esperança e transformação.

Hoje é um dos principais palestrantes de educação do Brasil, percorrendo diferentes estados e levando reflexões profundas sobre educação, futuro, protagonismo, sonhos e transformação porque acredita que cada pessoa, independentemente de sua origem, tem o poder de mudar sua própria história e, consequentemente, a história de sua comunidade.

Nas redes sociais, fala diariamente com milhões de pessoas, sempre levando a educação de forma leve, direta e verdadeira, sem pretensões, sem artificialidades, apenas a pura convicção de que estudar é uma das decisões mais importantes que alguém pode tomar. Porque Henrique não apenas ensina matemática; ele ensina que é possível sonhar mesmo quando tudo parece impossível, que é possível transformar sua vida através da educação, que é possível ser mais do que as circunstâncias iniciais sugerem. Sua mensagem é simples, mas poderosa: você é capaz, e a educação é o caminho.

Instagram: @folsterhenrique

Apresentação

Este livro nasceu do desejo profundo de transformar a minha própria história – uma história de superação, de fé e transformação – em uma mensagem capaz de alcançar estudantes que duvidam de si mesmos, professores que precisam de inspiração, famílias que buscam esperança e todos aqueles que ainda acreditam – verdadeiramente acreditam – no poder transformador da Educação.

Ao longo destas páginas, trago momentos desafiadores que me moldaram, decisões importantes que definiram caminhos e aprendizados que construíram quem eu sou. Mais do que contar de onde eu vim, de um menino vendendo amendoim nos estádios de Florianópolis, quero mostrar como a Educação foi a ponte entre a dificuldade e a possibilidade, como ela foi decisiva em cada etapa da minha vida, e como ela continua sendo uma das ferramentas mais poderosas de transformação que existe. Porque a Educação não é apenas um direito; ela é uma oportunidade de reescrever histórias, de transformar vidas, de abrir portas que pareciam fechadas para sempre. Da venda de amendoim nos estádios de futebol de Florianópolis até a sala de aula, as palestras e as redes sociais, cada experiência reforçou em mim uma convicção inabalável: sonhos não acontecem por acaso, eles precisam ser construídos com dedicação, persistência, coragem e fé.

Cada passo dessa jornada me ensinou que não importa de onde você vem, o que importa é para onde você quer ir e a Educação é o caminho mais seguro para chegar lá.

Escrevi este livro pensando em estudantes que duvidam de si mesmos e que precisam saber que é possível; em professores que precisam de inspiração para continuar acreditando em seu trabalho; em pais que buscam acreditar no futuro de seus filhos; e em todas as pessoas que em algum momento precisaram de motivação para continuar acreditando no próprio caminho. Este livro é para você que está cansado, que está duvidando, que está pensando em desistir porque eu estive lá, e sei que é possível.

Mais do que as minhas experiências, este livro é um convite, um convite genuíno e sincero para olhar a Educação com esperança renovada, com responsabilidade compartilhada e com a coragem de acreditar que é possível transformar

vidas através do conhecimento. É um convite para acreditar que você é capaz, que seus sonhos importam, e que a Educação é o caminho mais seguro para realizá-los. Porque se um menino que vendia amendoim nos estádios conseguiu chegar aqui, você também consegue. Você também pode. Você também merece.

Sumário

Dedicatória.....	V
Agradecimentos.....	VII
Sobre o autor.....	IX
Apresentação.....	XI
Capítulo 1 – Onde tudo começou.....	1
Capítulo 2 – O professor que eu ainda não sabia ser.....	11
Capítulo 3 – Pandemia e a virada de chave.....	23
Capítulo 4 – Quando a internet entrou na sala de aula.....	33
Capítulo 5 – A palestra que virou movimento.....	43
Capítulo 6 – O poder da decisão.....	63
Capítulo 7 – O estudante do futuro e o professor necessário.....	73
Capítulo 8 – Quando você mostra o seu melhor.....	81
Capítulo 9 – Quando dizem que você não vai conseguir.....	93
Capítulo 10 – A escola que acredita.....	99
Capítulo 11 – O legado da educação.....	107



Capítulo 1

Onde tudo começou

Você não quer chegar para uma criança de 10 anos de idade, usando uma pochete, um boné, um colete vermelho escrito “Coca-Cola”, com uma sacola de mercado cheia de saquinhos de amendoim, e falar que ela terá mais de 1 milhão de seguidores nas redes sociais, será um professor bem-sucedido e ainda subirá em palcos tornando-se um dos maiores palestrantes de educação do Brasil, né?

Pois é, ninguém me falou isso.

Nas minhas palestras para alunos (crianças, adolescentes ou jovens), eu pergunto para a plateia: “Qual é a idade ideal para começar a trabalhar?”.

As respostas são as mais diversas possíveis, mas, entre as crianças, as mais recorrentes são 16 e 18 anos. Entre os jovens, principalmente os que estão na série final do Ensino Médio ou os que são universitários, a resposta mais recorrente é 22 ou 23 anos, provavelmente porque estão mencionando o final do curso superior.

Quando eu revelo que comecei a trabalhar aos 10 anos, acontece um silêncio na plateia. “Como assim? Uma criança com 10 anos de idade deveria estar na escola, estudando” – deve ser o pensamento de muitos.

Deixe-me narrar para você como era esse trabalho. Na rua onde morávamos, um casal de vizinhos trabalhava como vendedores ambulantes. O nome do casal era Mere e Reu, e eles vendiam de tudo. No verão, vendiam cerveja e refrigerante na praia; durante o ano, vendiam amendoim nos estádios de futebol de Florianópolis; no inverno, além do amendoim vendiam pinhão, também nos estádios. Nossa rua, em Capoeiras, bairro de Florianópolis, tinham muitas crianças e adolescentes. Costumávamos brincar quase todos os finais de tarde. Alguns dias, brincávamos de esconder; outros, de soltar pipa, e na maioria dos dias brincávamos de jogar bola – a tal da travezinha fechada – e, claro, que a bola não poderia cair na casa da dona Bentinha, pois corria o risco de ela cortar a bola. Que lembranças maravilhosas.

Essa era a molecada que, no meio da semana e nos finais de semana, ia para os estádios de futebol com o Reu e com a Meri vender amendoim, e eu e meu irmão do meio, Wagner, fazíamos parte desse grupo. No meio da semana, os jogos iniciavam geralmente às 21h; quando eram transmitidos pela televisão, começavam depois das novelas da TV Globo, isso às 21h45.

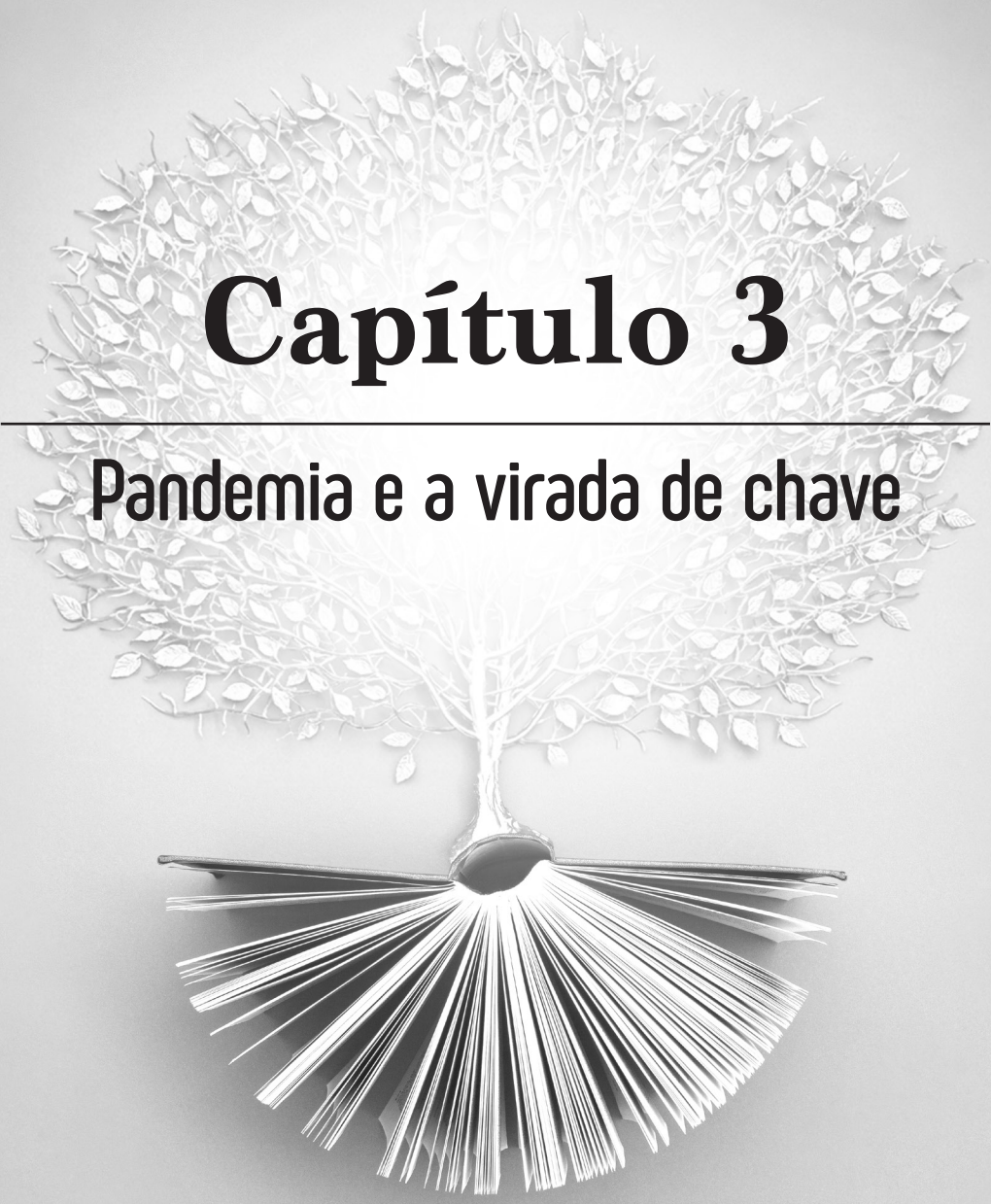
Para poder organizar tudo, saíamos de casa às 18h, geralmente três horas antes de o jogo começar. Eu, meu irmão e a molecada da rua nos encontrávamos na casa do Reu. De lá, saíamos em uma Belina (carro da época), com uma carrocinha atrás. Havia dias em que iam cerca de 10 pessoas dentro da Belina. Quando chegávamos ao estádio, outras crianças e jovens lá estavam nos esperando para trabalhar também.

Ajudávamos a tirar todo o material do carrinho e, depois, ficávamos dando voltas dentro do estádio. Houve dias em que fomos até o vestiário – era fantástico, principalmente porque sempre gostamos muito de futebol. O trabalho começava mais ou menos 30 minutos depois de os portões se abrirem; para os jogos das 21h45, isso era por volta das 21h. Meu uniforme de trabalho era um boné, calça de moletom e, nos dias de frio, também um moletom e, por cima, um colete vermelho e, claro, a pochete, onde colocávamos o dinheiro dos trocos e das vendas.

Saíamos com uma sacola de mercado – na verdade, duas, uma dentro da outra – e dentro delas, aproximadamente, 15 saquinhos de amendoim. Em época de pinhão, além da sacola com os saquinhos, levávamos também uma bacia de plástico com uns 10 pinhões. Cada saquinho custava R\$ 1,00, e ganhávamos de comissão R\$ 0,25. Em jogos bons, chegávamos a vender até uns 60 saquinhos, levando para casa R\$ 15,00. O dinheiro era colocado na mesa, e meus pais decidiam o que fazer.

Minha mãe sempre trabalhou em casa, cuidando de mim e de meus irmãos. Ela era quem cobrava os nossos estudos, e só poderíamos ir para a rua brincar depois de terminarmos as tarefas e lermos a matéria do dia seguinte. Os amigos da rua, na sua maioria, não levavam os estudos a sério ou não tinham uma rotina como a nossa. Hoje, como professor, eu vejo que faltavam exemplos para que eles acreditassem, pois seus pais e familiares também não tinham estudado e, mesmo assim, davam um jeito de viver.

Meus pais começaram a trabalhar muito antes de mim e de meu irmão, e, juntamente com meus tios, trabalhavam na roça para poder tirar o sustento da terra. Minhas tias me contam que o dinheiro era tão apertado que algumas delas iam pela manhã para a escola e, quando chegavam em casa, passavam o uniforme para outra irmã.



Capítulo 3

Pandemia e a virada de chave

Nós, professores, somos tão resilientes que muitas vezes acreditamos estar preparados para qualquer desafio. Eu sempre me senti assim.

Em 2020, a vida nos trouxe um desafio – não era apenas da educação, era um desafio da humanidade inteira.

Em 2019, eu vivia uma fase muito estável da minha carreira. Trabalhava em quatro cidades de Santa Catarina: Florianópolis, Balneário Camboriú, Itajaí e Blumenau. Minha rotina era intensa, mas eu gostava daquele ritmo. Eu acordava cedo, pegava estrada, dava aula, conversava com alunos, acompanhava os grupos de estudo e voltava para casa com a sensação de missão cumprida.

Financeiramente, também era um momento tranquilo. Foi nesse período que fiz minha primeira viagem internacional. Eu, minha esposa e minha filha fomos à Disney para o casamento de dois grandes amigos. Foi uma viagem muito especial para nós – um daqueles momentos que ficam guardados na memória para sempre.

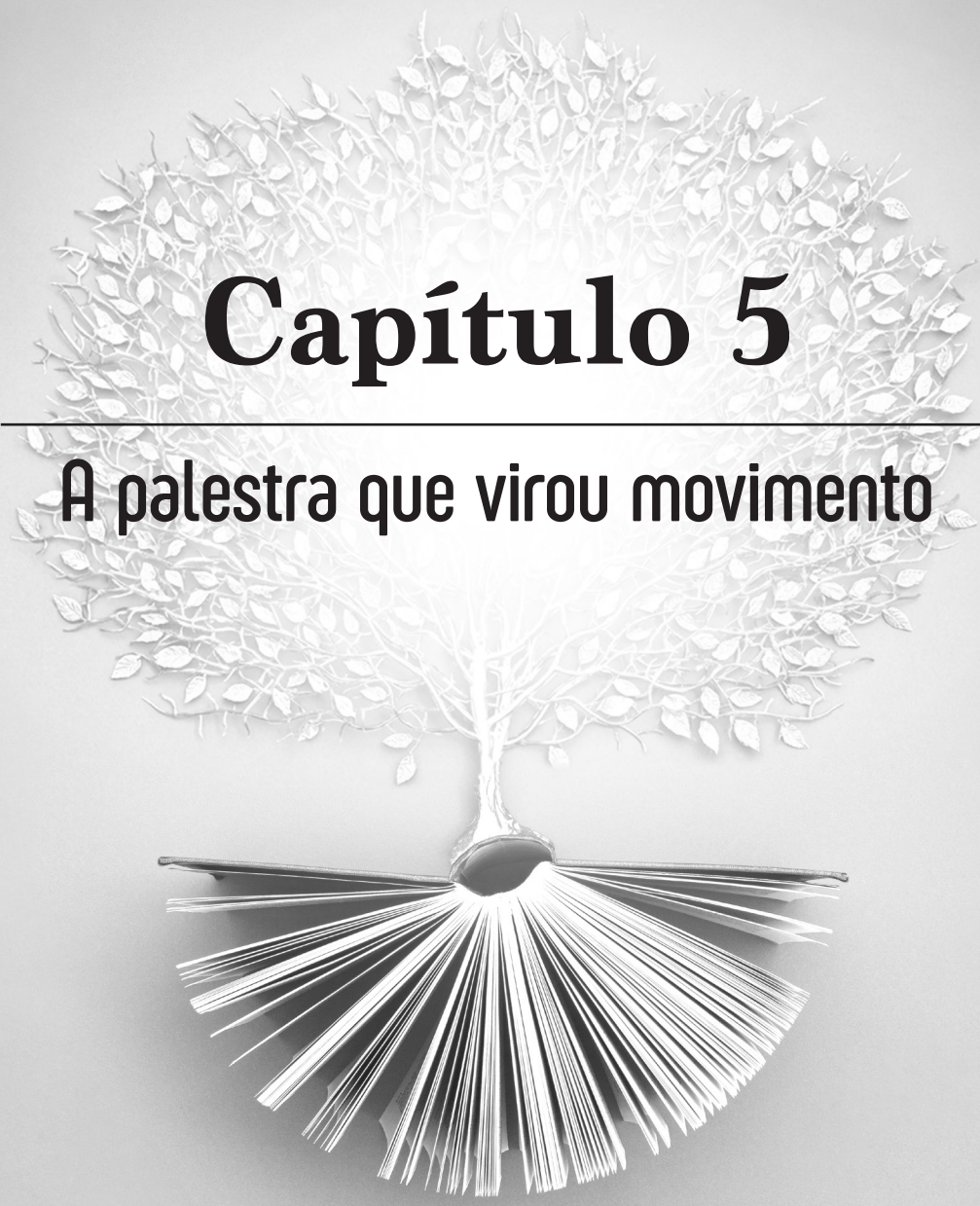
Na parte profissional, eu colhia os frutos de um trabalho que tinha começado anos antes. Em 2015, eu tinha montado em Florianópolis um grupo de estudos com alguns alunos de alto desempenho. A ideia era simples: organizar a rotina deles utilizando provas anteriores de vestibulares e do Enem.

Com o tempo, esse modelo começou a dar muito resultado. Surgiram aprovações importantes, primeiros lugares e conquistas em cursos de Medicina. E, aos poucos, eu levei esse modelo de organização de estudos para outras cidades onde eu também dava aula.

Em 2019, esses grupos já estavam consolidados. Os alunos confiavam muito no método. As escolas reconheciam os resultados. E eu tinha a sensação de estar vivendo o auge da minha carreira como professor.

Quando chegamos a esse ponto da vida profissional, é comum começarmos a pensar menos em mudanças e mais em manutenção. Quando tudo está funcionando, a tendência natural é tentar preservar aquilo que já está dando certo.

Meu desafio naquele momento era conhecer bem os alunos do Terceirão e do Pré-vestibular: e entender os sonhos deles, avaliar o nível de cada um e construir um planejamento de estudos que aumentasse as chances de aprovação.



Capítulo 5

A palestra que virou movimento

No início de 2023, algo curioso começou a acontecer na minha vida. Os vídeos que eu gravava de forma simples, mostrando aulas diferentes e deslizando de patins pela escola, começaram a ganhar uma proporção que eu nunca tinha imaginado. Em poucas semanas, meu *Instagram* explodiu e ultrapassou a marca de 200 mil seguidores. De repente, muita gente queria conhecer aquele professor que ensinava de um jeito tão diferente.

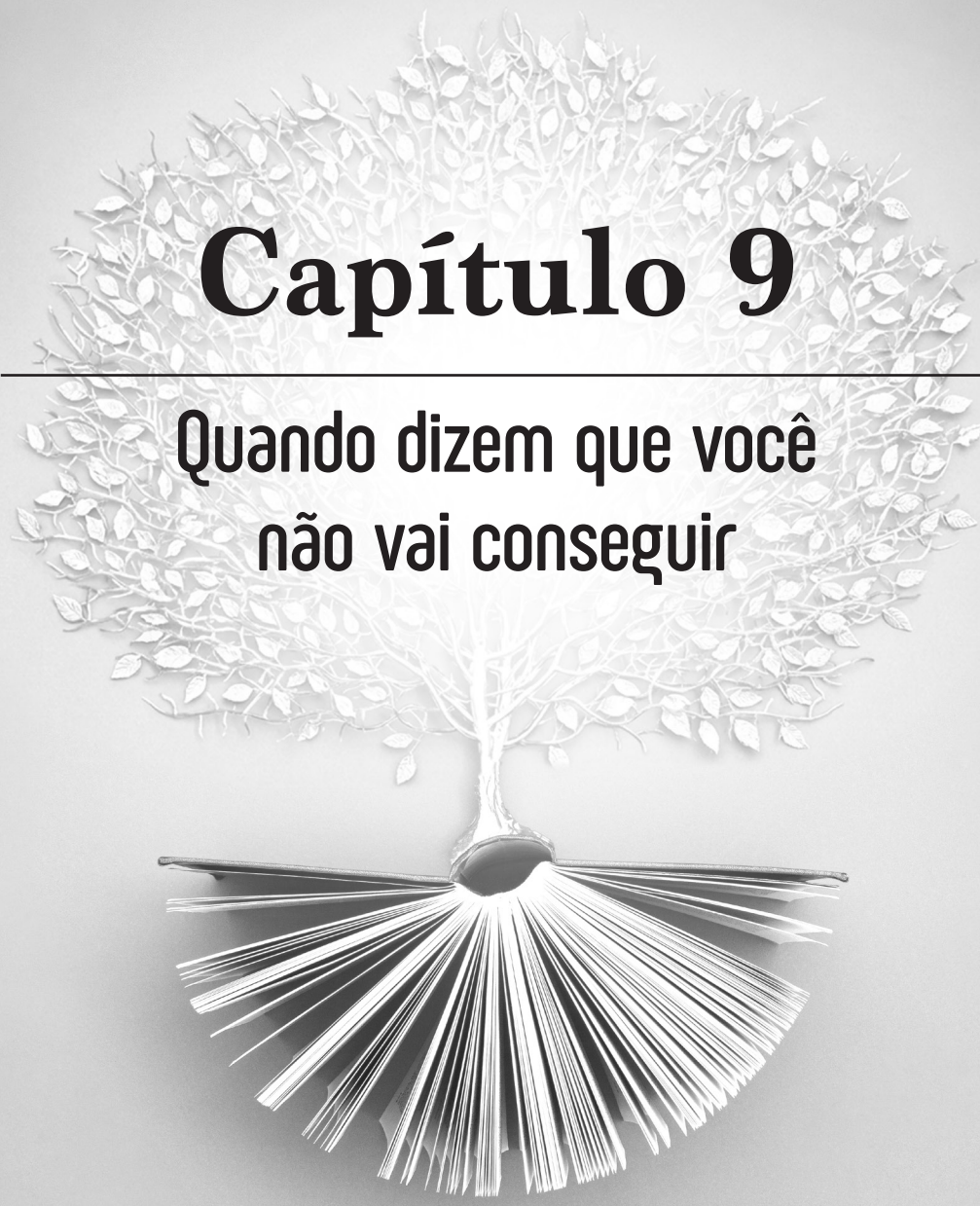
Eu continuava sendo o mesmo professor, entrando em sala de aula todos os dias, preparando atividades e tentando fazer os alunos se interessarem pelos estudos. Mas, do outro lado da tela, milhares de pessoas começaram a olhar para meu modo de ensinar como algo extraordinário. E foi justamente essa visibilidade inesperada que abriu uma porta que eu jamais imaginei.

Era um domingo, dia 2 de abril de 2023. Eu estava em casa quando apareceu uma nova mensagem privada no *Instagram*. Era de uma mulher chamada Hebbe Mendes, que se apresentou como integrante do Sebrae de Minas Gerais, da região de Montes Claros. Ela me parabenizou pelo trabalho nas redes sociais e perguntou se poderíamos conversar por telefone.

Confesso que, naquele momento, eu não fazia ideia do que estava por vir. Pensei até que pudesse ser algum convite relacionado à publicidade ou a algo institucional do próprio Sebrae. Mesmo assim, passei meu número sem pensar muito. Minutos depois, exatamente às 16h, meu telefone tocou.

Do outro lado da linha, Hebbe começou pedindo desculpas por estar ligando em pleno domingo. Em seguida, comentou sobre os meus vídeos. Dizia que era inspirador ver um professor fazendo algo diferente, alcançando tantas pessoas e despertando interesse pela educação. Enquanto eu ouvia aquilo, ainda sem entender exatamente aonde aquela conversa iria chegar, percebi que algo diferente estava por vir.

Ela, então, mencionou um nome que eu já tinha ouvido antes: o professor Pachecão. Disse que ele havia sido professor e ator nos programas de Sandy e Júnior, e que também atuava como palestrante em alguns eventos do Sebrae. Segundo ela, estavam procurando alguém com um perfil parecido: alguém da educação, que conseguisse se comunicar de forma leve, verdadeira e que tivesse conexão com alunos e professores.



Capítulo 9

Quando dizem que você
não vai conseguir

Ao longo da vida, em diferentes momentos, geralmente aparece alguém disposto a dizer que você não vai conseguir.

Às vezes, essas pessoas fazem isso de forma direta. Outras vezes, agem de forma disfarçada, com um comentário atravessado, uma risada, um olhar de dúvida, ou até um conselho que parece sensato, mas que no fundo carrega uma mensagem simples: não tente, isso não é para você.

Eu conheci esse tipo de situação desde muito cedo.

Quando eu era vendedor de amendoim nos estádios de futebol de Florianópolis, alguns colegas da minha idade me olhavam de uma forma diferente. Eles estavam nas arquibancadas assistindo aos jogos, enquanto eu circulava pelas arquibancadas vendendo amendoim. Na cabeça de alguns deles, aquilo significava que eu era inferior, como se aquela função definisse quem eu era, ou até aonde eu poderia chegar.

Enquanto alguns olhavam para mim como o menino que vendia amendoim no estádio, dentro da sala de aula eu era apenas mais um aluno. E sempre acreditei quando meus pais diziam: “estudar vai te abrir portas”. Passei a me dedicar muito aos estudos e, pouco a pouco, comecei a me destacar entre os melhores alunos da turma. Aquilo me deu confiança, direção e me fez perceber que o conhecimento era um caminho real para mudar o futuro.

Mesmo assim, quando chegou o momento de escolher o curso na universidade, as críticas apareceram novamente.

Quando eu disse que faria Matemática, algumas pessoas próximas de mim reagiram com espanto. Amigos e alguns familiares me chamaram de maluco. As justificativas eram sempre as mesmas: ser professor não dava dinheiro, ninguém valorizava professor, e eu deveria procurar algo que trouxesse mais retorno financeiro. Para muitas pessoas, aquela escolha parecia um desperdício de talento. Na cabeça delas, alguém “inteligente” deveria escolher outra profissão.

Mas eu segui em frente.

Depois de formado e já trabalhando dentro da escola, novas críticas começaram a aparecer. Quando comecei a atuar também como orientador e a organizar os grupos de estudos a fazerem provas de vestibulares anteriores, alguns colegas se